

VIII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LITERATURA COMPARADA

Olhares cruzados: representações das epidemias nas artes. Da catástrofe à resiliência

12, 13 e 14 de Outubro de 2022

Organização: Universidade de Évora e Universidade da Madeira

As diferentes epidemias como a peste negra, a gripe espanhola, a cólera e a sida têm sido concebidas como catástrofes que provocaram alterações profundas nos modos de existência e nas formas de relacionamento humano. A pandemia da Covid-19 inscreve-se na perspectiva de uma crise global, que surpreendeu o homem sem defesas e estilhaçou a sua visão de mundo, causando traumas, medos e estados de angústia e provocando rupturas inesperadas na cultura e na economia, entre outras áreas. Ao longo dos tempos, as diversas artes (cinema, dança, fotografia, literatura, pintura, arte digital) têm tido a capacidade de confrontar o homem com a estranheza provocada por distintas epidemias, permitindo às diferentes linguagens explorar o valor alegórico do caos, denunciar as disfuncionalidades das sociedades, questionar o valor da Humanidade. A epidemia é uma experiência-limite de incerteza e de imprevisibilidade que interroga a relação do homem com a sua finitude.

No século XIV, Boccaccio, em *Decameron* (1348-1353), encenou o confinamento provocado pela peste negra, durante dez dias, de sete mulheres e três homens, fechados numa casa no campo, onde contam histórias para manterem a morte afastada. Associando a peste à chegada

do Juízo Final em Florença, os jovens resistem através da palavra, valorizando os prazeres da vida terrena. Considerando que a Literatura Comparada é a “ciência do encontro”, segundo Armando Gnisci (1998: 189), a obra canónica de Boccaccio mereceu releituras como o óleo *A Tale from Decameron* (1916), do pintor pré-rafaelita John William Waterhouse e o filme *Il Decameron* (1971), escrito e dirigido por Piero Paolo Pasolini. Numa óptica multidisciplinar e comparatista que relaciona a literatura, as artes visuais, a cultura, a história, a filosofia, a antropologia e a psicologia, pretende-se repensar como as diferentes narrativas exploram a epidemia e a sua superação. A título de exemplo, procurar-se-á reflectir como os textos paradigmáticos de Daniel Defoe, *A Journal of the Plague Year* (1722), *La Peste* (1947), de Albert Camus e *O Ensaio sobre a Cegueira* (1995), de José Saramago constroem a poética da catarse no sentido de purificação das paixões, contribuindo para que o leitor realize uma viagem iniciática que lhe permita sondar o sentido de isolamento, o exílio, a perda da comunidade, o medo da doença e o confronto com a morte.

Nas artes visuais, *O Triunfo da Morte* (1562), de Pieter Brueghel, O Velho explora a devastação colectiva associada a uma pandemia, apresentada como uma batalha em que exércitos de esqueletos são comandados pela morte, segundo uma leitura renascentista. Por sua vez, a arte expressionista de Egon Schiele, no óleo *A Família* (1918), retrata como a gripe espanhola fragilizou o seu corpo e o da sua mulher. Inscrita na perspectiva da Bioarte, escultura e arte digital, a artista britânica Anna Dumitriu impregnou na sua instalação *Plague Dress* (2018) o tecido de um vestido do século XVII com o DNA da bactéria *Yersinia pestis*, extraído das bactérias mortas da praga, num jogo conceptual de provocação. Também na música, Igor Stravinsky reinterpreta na sua

ópera *Oedipe Rex* (1927) a tragédia de Sófocles numa Tebas assolada pela peste.

Os textos de Mary Shelley, *The Last Man* (1821), *The Scarlet Plague* (1912), de Jack London e o romance *Fever* (2016), de Deon Meyer, desenvolvem o tema da epidemia, associada ao fim da humanidade, assumindo a função antecipadora de documentos que contribuem para antever o futuro. Nesta mesma perspectiva apocalíptica, o filme *Contagion* (2011), de Steven Soderbergh, surge como uma profecia do coronavírus ao mostrar o rápido progresso de um vírus letal, transmissível pelo ar e as diferentes tentativas de investigadores, médicos e funcionários de saúde pública para combater a doença.

Neste encontro comparatista, procura-se explorar como, por exemplo, as artes visuais, a literatura, a dança e a música formulam um aviso que potencia “o ensino da catástrofe” (2002: 73), segundo a expressão de Peter Sloterdijk: é possível aprender no meio dos destroços e (re)criar num contexto de adversidade. Foi no cenário angustiante da Segunda Guerra Mundial que Olivier Messiaen criou o *seu Quatuor pour la fin du temps*, tocado, pela primeira vez, diante dos prisioneiros do campo de concentração Stalag VIII, em 1941. Se o remédio contra a epidemia é a narrativa que reflecte sobre os seus efeitos, como argumenta Antoine Compagnon (2020), na literatura portuguesa contemporânea, Gonçalo M. Tavares publicou no semanário *Expresso* breves fragmentos no seu “Diário da Peste”. Nestes escritos do eu, num cruzamento entre crónica, parábola e ensaio, a voz do texto fala, num ritmo alucinante, da urgência de sondar as particularidades da pandemia. Numa cartografia diferente, o documentário *Coronation* (2020) do artista de intervenção chinês Ai Weiwei é uma busca aprofundada de entendimento sobre o vírus na cidade confinada de Wuhan, incidindo sobre o modo como a

cultura chinesa reagiu aos efeitos do coronavírus, revelando o comportamento humano sob o controle autoritário.

As artes constituem um modelo de reflexão crítica para reencontrarmos modelos alternativos de vida que rompam com a experiência frenética das nossas sociedades contemporâneas antes da propagação do vírus da Covid-19, marcadas pela crescente mercantilização que determina o hiperindividualismo e a insensibilidade face à dor. Impregnadas de uma grande faculdade de reinvenção, as artes incentivam a repensar as epidemias como mecanismos catalisadores de mudança em busca de um novo humanismo, que favoreça a importância de valores como o dom, a gratuidade e a partilha, capacitando o homem para “uma síntese mais equilibrada entre pessoa e comunidade, entre vida material e vida espiritual” (2020: 85), como defende José Tolentino Mendonça em *O que é amar um país. O Poder da Esperança*. A colecção de contos *The Decameron Project* da revista *The New York Times Magazine* (2020) publicou textos de vinte e nove escritores de várias partes do mundo que se propõem compreender os impactos da pandemia da Covid-19, imaginando o unimaginável, através da literatura como estética da resiliência, inspirados no modelo de Boccaccio. Na ótica de exaltação da empatia, diferentes artistas de arte urbana como Vhils, Banksy e Lewis Miller têm vindo a prestar tributo aos profissionais de saúde, como exemplo de compaixão, que têm mostrado como a coesão e o sentimento de comunidade permitem enfrentar a pandemia da Covid-19.

Neste contexto de indagação sobre o caos e a crise causado pelas pandemias, assumindo uma perspectiva comparatista, convidamos a comunidade académica a reflectir sobre as várias configurações das epidemias desde a Antiguidade até aos nossos dias a partir dos seguintes eixos temáticos:

- Representações e releituras das diversas epidemias;
- Epidemia, catástrofe e trauma;
- Epidemia como alegoria da sociedade;
- Epidemia e declínio moral;
- Epidemia e ruptura dos discursos instituídos;
- Epidemia e representações apocalípticas;
- Epidemia e testemunho;
- Pandemia, filosofia e sociedade de controle;
- Epidemia e distopia;
- Epidemia e novas utopias pós-pandemia;
- O confinamento como motor de criatividade;
- Epidemia e resiliência;
- Epidemia e arte digital.

Referências bibliográficas (APA 7ª ed.):

- Boccaccio, Giovanni. (1992). *Decameron*. Einaudi.
- Boëtsch, Gilles, Chevê, Dominique. (2002). Le Corps à l'épreuve du mal: pour une lecture du corps épidémique au travers de l'iconographie picturale de la peste. In Boëtsch Gilles & Dominique Chevê (Eds.), *Le Corps dans Tous ses États. Regards Anthropologiques* (pp.115-133). CNRS éditions.
- Camus, Albert. (1996). *La Peste*. Gallimard.
- Crawford, Raymond. (1914). *Plague and Pestilence in Literature and Art*. Clarendon Press.
- Defoe, Daniel. (2003). *A Journal of the Plague Year*. Penguin Classics.
- Gnisci, Armando. (1998). La Literatura Comparada como disciplina de descolonización. In Maria José Veja & Neus Carbonell (Eds.), *Literatura Comparada: Principios y Métodos* (pp.188-194). Gredos.
- Hobart, Brenton. (2020). *La Peste à la Renaissance: L'Imaginaire d'un Fléau dans la Littérature au XVIe siècle*. Classiques Garnier.
- London, Jack. (2010). *The Scarlet Plague*. Bibliolis.
- Mendonça, José Tolentino. (2020). *O que é amar um país. O Poder da esperança*. Quetzal.
- Meyer, Deon. (2017). *Fever*. Holder & Stoughton Ann Hachette Uk Company.

- New York Times Magazine*. (2020). *The Decameron Project 29 stories from the pandemic*. Simon & Schuster Ltd.
- Peone, Dustin. (2020). *Plague Literature. Lessons for living well during a Pandemic*. Theuth Books.
- Reilly, Patrick. (2015). *Disease and Destiny in Plague Literature from Early Modern to Postmodern Times*. Peter Lang.
- Poirier, Jean-Louis. (2021). *L'Antiquité en détresse. Catastrophes et Épidémies dans le monde gréco-romain*. Les Belles Lettres.
- Saramago, José. (1995). *Ensaio sobre a Cegueira*. Caminho.
- Shelley, Mary. (2008). *The Last Man*. Oxford University Press.
- Sloterdijk, Peter. (2002). *A Mobilização Infinita. Para uma Crítica da Cinética Política*. Relógio D'Água.

Filmes:

- Pasolini, Piero. (1971). *Il Decameron*. Produzioni Europee Associati.
- Soderbergh, Steven. (2011). *Contagion*. Stacey Sher, Gregory Jacobs, Michael Shamberg.
- Weiwei, Ai. (2020). *Coronation*. Ai Weiwei.

Música:

- Messiaen, Olivier. (2013). *Quatour pour la fin du temps*. AVAkademikerverlag.
- Stravinsky, Igor. (1993). *Œdipe Rex*. Orfeo.

Webgrafia:

- Chevé, Dominique & Michel Signoli. (2009, Março 30). *Les corps de la contagion corps atteints, corps souffrants, corps inquiétants, corps exclus?*
<https://www.cairn.info/revue-corps-dilecta-2008-2-page-11.htm>
(consultado em 15/12/2021).
- Compagnon, Antoine. (2020, Abril 1). *La Littérature face aux Pandémies*.
<https://www.fondation-cdf.fr/2020/04/01/la-litterature-face-aux-pandemies> (consultado em 12/12/2021).
- Da Costa, Inês. (2020, Junho 16). *De Vhils a Banksy: uma homenagem aos profissionais de saúde*.
<https://www.publico.pt/2020/06/16/p3/fotogaleria/vhils-banksy-quando-a-arte-urbana-homenageia-os-profissionais-de-saude-401541>
(consultado em 12/12/2021).
- The New York Times. (2020, Julho 7). *The Decameron Project: New Fiction*
<https://www.nytimes.com/interactive/2020/07/07/magazine/decameron-project-short-story-collection.html> (consultado em 12/12/2021).
- Dumitriu, Anna. (2018). *Plague Dress*.
<https://annadumitriu.co.uk/portfolio/plague-dress> (consultado em 12/12/2021).

Dimitriu, Anna. (2020, Abril 14). *Anticorpo fabricado por Ana Dumitriu*.
<https://sxpolitics.org/ptbr/anticorpos-fabricados-por-anna-dumitriu/10420> (consultado em 12/12/2021).
Berkeley News. (2020, Abril 29). *Literature and Art in the Times of Crisis*.
<https://news.berkeley.edu/2020/04/29/literature-and-the-arts-in-times-of-crisis/> (consultado em 12/12/2021).



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA E LINGÜÍSTICAS



UNIVERSIDADE da MADEIRA